

Republica Portuguesa

Historia da Revolução

FIELMENTE DESCRIPTA

5 d'Outubro 1910

Deposito de venda no armazem de fogos
de artificio e artigos de carnaval de José
Joaquim dos Santos, Rua do Bemformoso,
94 e 102, 112 e 114—Lisboa

== Preço

40 réis ==



ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO

DESDE a dictadura de João Franco em 1907, que em todo o Portugal, principalmente em Lisboa, se respirava um ambiente corregado dos maiores sobresaltos, devido ás represões de que todos vinham sendo victimas.

D'ahi nasceu a necessidade d'uma revolução, no que logo pensaram alguns dos nossos mais influentes caudilhos republicanos. Fixou-se para isso a noite de 28 de Janeiro de 1908. Infelizmente a conspiração foi descoberta, e quando n'essa noite o Dr. Affonso Costa se encontrava no elevador da Bibliotheca, esperando a hora aprazada para o devido signal, foi preso, bem como o Visconde da Ribeira Brava, que se achava em sua companhia.

A mesma sorte tiveram João Chagas, Antonio José d'Almeida, Alexandre Braga, França Borges e outros, os quaes foram internados nos diversos quartéis da Guarda Municipal e esquadras de policia.

Um ministro partiu logo para Villa Viçosa, onde se encontrava D. Carlos, caçando, levando comsigo um decreto para assignar, em que seriam victimas das mais odiosas vinganças os insignes caudilhos acima mencionados, bem como muitos outros.

A 31 de Janeiro, regressava a Lisboa, o mesmo ministro portador do referido decreto, assignado pelo rei. No dia seguinte desembarcava D. Carlos na estação do Terreiro do Paço, e tomando uma carruagem descoberta, como que provocando esse bando de ovelhas, como elle designava o nobre povo d'esta nação.

Acompanhava-o na mesma carruagem, a rainha e seus dois filhos, o principe D. Luiz Pilippe e o infante D. Manuel, seguindo a alguma distancia o infante D. Affonso, que guiava um automovel.

Ao passarem, porém, á esquina do Terreiro do Paço e Rua do Arsenal, dois homens avançaram, puxando um d'uma carabina, e outro d'um revólver, dispararam alguns tiros sobre a carruagem régia, que feriram mortalmente o rei e o principe D. Luiz, e mui ligeiramente o infante D. Manuel.

Os regicidas, que eram, Manuel dos Reis Buiça e Alfredo Luiz da Costa, foram ali mesmo chacinados pela policia, pagando assim com a vida, a acção heroica praticada.

Ao mesmo tempo era preso um infeliz, chamado Sabino Costa, o qual nada tinha com o caso, indo para a esquadra da Camara Municipal, onde apezar dos protestos da sua innocencia foi barbaramente assassinado pelos janizaros da policia. E assim tão tragicamente terminou uma dictadura, que trazia o povo cheio de terror, sem saber qual seria o seu fim.

* * *

O governo seguinte, o primeiro do rei D. Manuel II, presidido pelo conselheiro Ferreira do Amaral, deu a amnistia a todos os presos, os quaes foram postos em liberdade, regressando a Lisboa alguns que se tinham afastado do Reino.

Ainda mais se enraizou no espirito do publico, depois das primeiras eleições, d'esse reinado, que custaram a vida a alguns cidadãos que só uma Republica os poderia redimir do jugo tyranno. Organizaram-se associações secretas, algumas das quaes foram descobertas, e presos e condemnados alguns dos implicados n'ellas.

Finalmente a 3 de Outubro, um facto bem memoravel, parece ter sido o inicio d'uma revolução. Foi o traiçoeiro assassinato do Dr. Miguel Bombarda. Os espiritos exaltaram-se e finalmente na madrugada de 5 de Outubro, já depois de na noite de 4 terem alguns bandos de populares percorrido as ruas da cidade manifestando-se contra o elemento clerical, como principal culpado da morte do eminente doutor, á 1 e meia da madrugada, reuniram-se alguns bandos revolucionarios, dando começo á revolução, que nos livrou do jugo dos tyrannos Braganças.



A REVOLUÇÃO

PRIMEIROS MOMENTOS

HORAS DE ANGUSTIA

A CAMINHO DA REDEMPÇÃO!!!

4 de Outubro de 1910, uma e meia da madrugada

LEVANTA-SE alarme na cidade. Ouvem-se descargas. E' infantaria 16, aquartelada em Campo de Ourique, que se insurrecciona aos gritos de — Viva a Republica! Ha lucta dos soldados com os officiaes que querem abafar a insurreiçao. Os officiaes monarchicos são vencidos. A insurreiçao triumpha. Os populares entram no quartel e fraternisam com os soldados. O regimento vem para a rua, no meio de um enthusiasmo louco, febril, rodeado de povo. Os soldados empunham bandeiras verdes e encarnadas e dão vivas á Republica. Militares e paisanos dirigem-se pelo Arco de Carvalho a Campolide, ao quartel de artilharia 1. As forças revolucionarias invadem esse quartel onde são recebidos fraternal e enthusiasmicamente pelo regimento. Alguns officiaes tentam tambem vencer a insubordinação. As forças militares que adherem e que são o grosso do regimento respondem á força com a força, e dominam os adversarios. Os dois regimentos estão por isso em condições de sair juntos para a Revolução. O estado de espirito dos soldados é cheio de decisão e coragem. A linha telephonica do Porto foi cortada.

Uma e tres quartos da manhã. — Ouvem-se na cidade 31 salvas. E', consta, a marinha de guerra portugueza que sauda a bandeira da Republica hasteada no cruzador *S. Rafael*. Os contingentes dos diversos navios vão desembarcar na Rocha do Conde de Obidos, para, com as forças de terra que adherem, se dirigirem ao paço das Necessidades e proclamarem a Revolução. Desceram a Avenida duas forças da cavallaria municipal, a galope. Na rua de Santo Amaro houve tiroteio entre a policia e o povo, fugindo aquella.

Duas horas.—A municipal aquartelada no Carmo sahia. O quartel está vigiado por sentinelas que não deixam que ninguem se approxime do largo. Nos Paulistas, a companhia está formada em frente do quartel. No Terreiro do Paço, em frente do correio, está uma força da mesma guarda. Ouve-se viva fuzilaria, para os lados da Graça. Em infantaria 16 morreram tres officiaes. um d'elles o commandante, coronel Celestino da Costa. Dirigiram-se para as Necessidades forças da municipal. Na Avenida houve encontro entre forças da municipal e as forças revolucionarias de artilharia e infantaria 16, vencendo estas. Grupos de populares tentaram apoderar-se do museu de artilharia, havendo renhida lucta com a policia. Em varios pontos da cidade a policia fez deter os automoveis. As forças de marinha desembarcaram. No quartel dos marinheiros houve lucta para o corpo vir para a rua.

Duas e meia.—A municipal do Carmo defende o quartel, vindo até ao largo do Carmo. Do quartel de infantaria 16 teem sahido varios officiaes feridos, em macas, para o hospital e um soldado. Nas immediações do quartel reina grande socego. Um corneta da municipal segue pela rua de S. Roque acima, a correr. Agora é um impedido que sobe a cavallo a mesma rua, de carabina ao lado. A Caixa Geral dos Depositos está guardada pela guarda municipal. As forças revolucionarias agem sob o commando de um general e de um contra-almirante. As noticias do movimento revolucionario são optimistas.

Tres e quinze da manhã.—Infantaria 5 fórma em frente do quartel general. O edificio da Escola Medica está rodeado por forças de policia e da municipal, que não permitem a permanencia de populares no largo fronteiro e nas immediações do edificio. Continuam a correr as melhores noticias sobre o movimento revolucionario. Um vapor do Arsenal, que quiz approximar-se, depois da 1 hora da noite, do *Adamastor*, foi repellido com um tiro de peça. Em todos os navios surtos no Tejo foi proclamada a Republica. No bêco da Lapa, um grupo de populares, perseguido pela policia, matou, para se defender, o guarda 1057, o primo do *homem macaco*, e feriu gravemente outro guarda. O regimento de infantaria 1 formou junto da estação de Alcantara-mar. Os marinheiros desembarcaram ás 2 horas. No Aterro ha grande multidão de revolucionarios paizanos, armados. Está impedido o transito para lá de Santos. Ouve-se uma fuzilaria constante. Uma força de lanceiros desceu á Avenida. Outra, do mesmo regimento, desceu a calçada da Estrella. Na praça dos Restauradores está uma parte do regimento de cavallaria 4. Grandes forças de policia concentraram-se na esquadra dos Capellistas, de onde se dirigiram para o governo civil. Tornou a haver fuzilaria em Campo de Ourique.

Quatro da manhã.—Na travessa dos Ladrões a 4.^a companhia da guarda municipal sahiu ao encontro dos revolucionarios de infantaria 16 e artilharia 1. A municipal deu uma descarga a que as forças revolucionarias responderam com outra. A municipal retorquiu e a artilharia respondeu-lhe com duas granadas. A municipal debandou e as forças revolucionarias seguiram triumphantes a caminho das Necessidades. Junto do quartel de engenheiros juntaram-se populares que a policia tentou dispersar. O povo repelliu-a, obrigando-a a debandar. Não ha noticias do que se passasse além do Aterro. O transito continua interrompido.

Para o hospital da Estrella teem ido muitos feridos. Dizem-nos que, entre outros, entrou ali o sr. capitão Lino. O governo tem estado reunido em conselho. O regimento de caçadores aquartelado em Santarem marcha sobre Lisboa. Os revolucionarios pensaram em tomar tres pontos: as Necessidades, o telegrapho e o quartel general. Contra o telegrapho e o quartel general não houve ainda nenhum ataque. A força de cavallaria municipal que dispersou na Avenida não foi atacada por artilharia mas por bombas. Foi grande o numero dos mortos e feridos. O movimento no hospital da Estrella foi assombroso.

Cineo horas da manhã.—Não ha noticias positivas do movimento. Os grupos populares mantem uma grande decisão na defeza da causa da nação. Marinheiros, infantaria 16 e artilharia 1 teem-se portado bravamente. Apesar de estar fechado o telegrapho, consta que em varios pontos do paiz se manifestaram já adhesões ao movimento.

No Barreiro o povo anda pelas ruas, proclamando a Republica, cuja bandeira se dispõe a hastear nos paços do concelho.

Cinco e dez da manhã.—Todas as esquadras de policia estão fechadas. No Rocio estão infantaria 2, caçadores 5 e uma parte do regimento de lanceiros 2. Caçadores 5 tem as metralhadoras assestadas para as embocaduras das ruas.

ANTES DO TRIUMPHO

No quartel de marinheiros — Armando o povo — Sete municipaes que adherem

**Fogo contra o palacio das Necessidades — O rei em automovel
Forças que ficam no caminho**

Seis horas da tarde.—Lisboa continua dominada pela mais viva impaciencia. Ha grandes esperanças. O grupo dos marinheiros portou-se bravamente. O quartel encheu-se de paisanos. Muitos d'elles choravam de desespero por não terem armas. Foram pedidas algumas com munições aos navios. Sete soldados de cavallaria municipal adhe-

riram aos revolucionarios. Para isso os paisanos armados invadiram com o esquadrão. Dos navios foi feito vivo fogo para as Necessidades. De uma vez, foi pelos ares a torre do palacio. Este encontra-se todo furado pelos canhões. O corpo dos marinheiros bateu victoriosamente infantaria 1. Pessoa que foi a Loures encontrou proximo d'aquella villa um automovel em que diz ter visto D. Manuel com os srs. marquez do Fayal e conde de Sabugosa. Em Almada foi tomado o forte, onde se hasteou a bandeira republicana, tambem levantada sobre os edificios dos paços do concelho. No Barreiro houve movimento identico. O governo mandou concentrar sobre a capital varios regimentos da provincia, mas nenhum chegou nem chegará. Caçadores 6 foi detido em Villa Franca de Xira, onde elementos revolucionarios obstruiram a linha. Em Villa Franca a Republica é vivamente acclamada.

As metralhadoras teem feito varios estragos na cidade baixa. As esquadras estão fechadas. A da rua Rosa Araujo foi assaltada por um grupo de revolucionarios, mas deu-se um desastre por ter casualmente rebentado uma bomba. Os postos da municipal tambem estão fechados. Muitas guaritas teem sido despedaçadas. A's 5 horas e meia o *S. Rafael* navega para os lados da alfandega. Cem policias foram armar-se ao quartel de engenheiros, que se encontra barricado. Os revolucionarios apprehenderam um telegramma que o sr. D. Affonso procurou mandar pelo cabo submarino.

No hospital de S. José ha cerca de 30 feridos, entre elles os soldados 34 e 67 de infantaria 5, os guardas de policia 260, com uma bala na testa, 1305 1067, etc.

Na Morgue, onde a entrada é rigorosamente defendida, consta estarem entre muitos mais, os cadaveres de Antonio Joaquim, natural de Lisboa, casado, morador na rua João do Outeiro, 20, 2.º, morto na praça dos Restauradores; Raul Veghar, empregado nas obras do porto de Lisboa, casado, morto em Alcantara; Antonio Mendes Pereira, estampador, solteiro, morador na rua do Desterro, 3, rez-do-chão, morto na rua de Santo Antão. Varios outros cadaveres ainda não foram reconhecidos, parecendo ser um dos mortos, moço de padeiro.

Na rua do Ouro, á esquina da rua da Victoria, na occasião em que passava a policia, armada de carabina, sob o commando do capitão Craveiro Lopes, uma granada deixou os intestinos de fóra ao sr. Lachado, morador no bêco das Farinhas, 3, loja. Em frente da papelaria Palhares tambem um homem ficou morto. A's 4 horas da tarde, na Avenida, um rapaz de vinte e cinco annos, approximadamente, que luctava com paixão, pela causa, foi morto com um tiro na cabeça. Uma ordenança da Majoria General da Armada que seguia com uma carta para um official foi presa e a carta apprehendida e le-

vada para o quartel general. Ao acampamento foi conduzido um policia que disparou dois tiros contra alguns populares, sendo-lhe previamente vestida a farda pelo avêso.

As forças revolucionarias repellindo heroicamente as forças inimigas — A retirada d'estas

Sete horas da tarde.—Depois das 9 horas da manhã, passou pela estrada de Bemfica em direcção á Avenida a bateria de Queluz, seguida por lanceiros e infantaria 2. Ao principio da Avenida Antonio Augusto de Aguiar, voltaram em direcção á Penitenciaria, entrando a bateria para as terras a ella juntas, onde deitaram abaixo parte dos muros para fazerem seteiras. Em seguida romperam fogo para o quartel da artilharia 1 e para a Rotunda, fazendo tambem fogo infantaria 2. As tropas republicanas responderam do quartel de artilharia do local onde está a feira com fogo vivo. Aos primeiros tiros houve muitas baixas na artilharia de Queluz e em infantaria 2, sendo mortas e feridas muares, da bateria de Queluz. Lanceiros formou com alguma infantaria na Estrada de Palhavã. A's 3 horas a bateria de Queluz ficou vencida, tendo-se-lhe acabado as munições. De infantaria houve muitos mortos e feridos. Aos primeiros tiros das tropas republicanas, uma porção de soldados de lanceiros bateram em retirada em direcção a Bemfica, indo alguns cavalloos sem cavalleiros.

A bateria de Queluz retirou das suas posições para os lados de Bemfica, precedidas por um esquadrão da guarda municipal, uma força de lanceiros e o resto de infantaria 2. A bateria de Queluz, a guarda municipal e infantaria retiram para Bemfica. Lanceiros toma a direcção da Serra do Monsanto. Da bateria de Queluz seguiam montados, mas feridos, muitos officiaes e soldados, que foram curados nas pharmacias da Cruz da Pedra e Sete-Rios. Das tropas republicanas não houve nenhuma baixa. Alguns soldados e officiaes com fome compravam pão nas padarias e pediam-n'o nas casas particulares. Os cadaveres dos soldados das tropas monarchicas foram abandonados no local do combate.

Uma grande parte da guarda fiscal está formada em frente do Mercado Geral dos Gados, mas os soldados diziam que não avançavam sobre Lisboa, e que não se manifestavam nem a favor nem contra. Na estação de Campolide estavam ás 3 horas da tarde, uns trinta a quarenta populares armados de carabinas e espingarda, que tomaram depois o comboio para Braço de Prata. Pela estrada de Bemfica seguiram durante a tarde muitas familias que fugiam dos lados de Palhavã, Sete-Rios e Cruz da Pedra, tomando os comboios em S. Do-

mingos de Bemfica e Bemfica em direcção a Cintra. Uma granada escangalhou os vidros de uma pharmacia em Sete-Rios. Quando as tropas monarchicas já batiam em retirada pela estrada de Palhavã, as tropas republicanas carregaram sobre ellas, obrigando-as a retirarem precipitadamente.

Os soldados da bateria de Queluz lastimavam-se de que as forças de artilharia 1 tinham melhores peças e melhores munições, sendo-lhe impossivel resistir ainda que tivessem munições. As forças republicanas, postadas na Rotunda, são entusiasticamente louvadas pela população de Lisboa. Teem sido de um heroismo que honra uma raça. Na Rotunda foram aprisionados tres *bufos*.

Os marinheiros embarcam O plano — Ataque ás forças "fleis" no Rocio

Oito da noite.—As forças de marinheiros embarcaram com destino aos navios de guerra, deixando, porém, defendido o quartel. Nas cascas-matas ficaram presos os officiaes que não adheriram. Embarcaram tambem populares armados. Calcula-se uns 4:000 homens. O plano é essas forças desembarcarem no Terreiro do Paço e atacarem as tropas fleis que guarnecem o Rocio. Muitas ruas de Lisboa estão ás escuras. N'umas, não foi permittido que os illuminadores fizessem o seu serviço. N'outras, foram destruidos os candeeiros. Noticias de Bemfica affirmam que a bateria de Queluz tenta reorganisar-se, para com as demais forças envolver de novo as forças republicanas. Todas as ruas que dão para o quartel do Carmo estão fechadas por patrulhas de cavallaria. Espera-se que antes da meia noite esteja decidida a situação. Estão cortadas todas as linhas ferreas, como as telegraphicas.

A's 3 horas e 19 minutos de tarde a vedeta que estava á emboadura da travessa da Palha para a rua das Gallinheiras, fez fogo sobre os populares que ali se encontravam, não havendo ferimentos graves, porque elles se encobriram com as portas dos predios, logo que as cornetas fizeram os toques de prevenção. Algumas das granadas lançadas no combate de hontem foram prejudicar alguns predios, entre elles o da Caixa Economica Operaria e a *Ilha das Cobras*, na Graça.

Tirteio — Do Tejo para terra — Convento incendiado Esquadras assaltadas — Dois valentes

Nove e meia da noite.—Repetida fuzilaria das tropas do Rocio responde a atroadores tiros de peça que sahem do *S. Rafael*. A luta prosegue. Cerca de Almada foi lançado fogo no convento do Val do Rosal, na Charneca. Pertence aos jesuitas de Campolide. O edificio foi destruido. Teem sido assaltadas varias esquadras, entre ellas as do Rato, Bairro Alto e Boa Vista. N'esta foram encontrados muitos numeros das *Folhas Soltas*. As forças acampadas ua Rotunda continuam a merecer calorosa admiração. Tem-se portado como um verdadeiro heroe o official de marinha que assumiu o commando d'essas forças. Em Almada, a bandeira da Republica não só foi içada nos paços do concelho e no forte da villa como na administração e no forte da Raposeira, onde está artilharia 3. A Commissão Municipal Republicana assumiu os poderes da auctoridade. Em Aldegallega, Moita e Seixal tambem se proclamou a Republica. Tanto no Seixal como em Almada o povo soltou os presos que estavam nas cadeias.

Meia noite.—A espaços, relativamente longos, ouvem-se fuzilaria, tiros de canhão e de peça. O combate decisivo ainda se não travou. O *S. Rafael* tem feito projecções electricas sobre a cidade baixa, para, naturalmente, observar o Rocio. As patrulhas que rodeiam o Carmo tiveram um serviço de café. No Rocio, nas praças das tropas que defendem a monarchia nota-se fadiga. O *Adamastor* tem feito evoluções. A bordo d'este navio encontram-se, entre paisanos, a mais das praças da cavallaria municipal que adheriram, um soldado da guarda fiscal, de cavallaria, e dois da mesma guarda de infantaria. A policia está postada sobre o telhado do governo civil, defendendo o edificio da possibilidade de qualquer ataque. Encontram-se ali os presos que estavam nas esquadras, entre elles João Borges que para ali foi na companhia de trinta guardas. O rei sahiu do paço, em automovel, ás 3 horas, escoltado por uma força de 100 praças de cavallaria da guarda municipal. No quartel de engenharia estão presos dois sargentos. Um esquadrão percorre as immediações do Carmo, em correrias. Tambem foi assaltada a esquadra de Arroyos.

As forças republicanas engrossam — O "D. Carlos" em poder dos revoltosos — A orientação do movimento

A' uma hora e meia da manhã.—As detonações são estrondosas e frequentes. As forças republicanas tiveram uma adhesão importante. O unico navio que não tinha arvorado a bandeira da Republica era o

cruzador *D. Carlos*. As evoluções do *Adamastor*, a que acima nos referimos, visavam a aprisional-o. As forças republicanas entraram realmente n'este barco de guerra, onde estavam 26 officiaes e quatro marinheiros. O commandante não quiz entregar-se: atiraram sobre elle, que veiu, moribundo, n'um escaler para terra, sendo conduzido ao Hotel Central. Foram depois interrogados os demais officiaes sobre a sua attitude. Os que adheriram ficaram. Os que não adheriram vieram presos para o quartel dos marinheiros. E' mais um facto que prova que os revolucionarios teem sido, quanto possivel, humanos. Tanto os elementos militares como civis teem fugido de violencias inuteis. E' essa a orientação do movimento. A revolução não se inspira no desejo de matar. Inspira-se na aspiração da salvar a Patria.

Adhesões na provincia — Momento supremo

A's duas e meia.—Fogo cada vez mais vivo e continuado. Faz arrepios! Adheriram ao movimento os regimentos de caçadores 1, aquartellado em Abrantes, e infantaria 17, que tem o seu quartel em Beja. Os moradores da Avenida e das ruas da baixa estão apavorados. As metralhadoras de caçadores 5 fazem fogo constante. As granadas do *D. Carlos* fazem tremer a cidade. Tudo indica que se chegou a um momento supremo.

O movimento dos comboios suspenso

Tres horas da manhã.—O movimento dos comboios nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e do Sul e Sueste está, póde-se dizer, completamente suspenso. Dosde as 6 horas da tarde que paralysoo o serviço de passageiros e de mercadorias. O proprio telegrapho dos caminhos de ferro não funciona.

Tres e quarenta e cinco.—Parte das forças revolucionarias que estavam na Rotunda desceram com peças de artilharia até á rua das Pretas. Fazem fogo sobre as forças monarchicas que respondem com as metralhadoras. Conclue-se que o plano é entalar as forças monarchicas contra os dois nucleos de forças republicanas—as da Rotunda e as dos navios de guerra. A cavallaria faz continuas evoluções na cidade alta.

MOMENTOS DECISIVOS

A VICTORIA

As forças republicanas destroçam os contingentes do exercito fieis ao regimen

DURANTE a noite e a madrugada, foi acceso e renhido o combate entre as forças republicanas entrincheiradas na Ronda da Avenida, os marinheiros embarcados nos navios de guerra surtos no Tejo e as diversas unidades que tentavam, em vão, desunil-os e rechaçal-os.

O cruzador *S. Rafael* despejava tiros de peça sobre a cidade baixa e os revoltosos, no alto da Avenida, não deixavam que os seus antagonistas avançassem um passo. Os tiros do cruzador eram acompanhados de projecções electricas, feitas pelos holophotes do navio. O *Adamastor*, tambem occupado pelas forças revolucionarias, auxiliava-o n'essa vigilancia.

O bombardeamento era pavoroso e a fuzilaria incessante entre o Rocio e a Avenida. A's 3 meia da manhã eram postadas na praça dos Restauradores as peças da bateria de Queluz e o canhoneio tornava-se feroz. Já antes, ás 2 horas e meia, uma força de infantaria municipal, sob o commando do sr. capitão Passos, tinha formado em linha de atiradores por S. Pedro de Alcantara, desde a calçada da Gloria, até á antiga séde da legação de Hollanda, distribuindo vedetas pelo jardim.

Pouco depois tomaram posições estrategicas nas ruas proximas forças de lanceiros 2 e cavallaria municipal. A's 3 horas, depois de se ouvir, do lado da Avenida, repetidos toques de cessar fogo, em S. Pedro de Alcantara, as forças contrarias começaram a construir pontes da rua das Taipas para a travessa do Fala Só, para atacarem os revolucionarios.

Tres individuos, que depois se soube serem soldados disfarçados bateram á porta da taberna Falcão, da travessa da Cara, e exigiram, de revólver em punho, a venda de aguardente, a qual foi fornecida ás praças da municipal, para os reanimar.

Pelas 5 e meia, as forças fieis ao regimen, postadas em S. Pedro de Alcantara, atacaram vigorosamente os republicanos, respondendo artilharia com alguns tiros, um dos quaes fez desabar a chaminé da Misericordia, indo os destroços cair sobre a enfermaria, o que causou extraordinario panico entre os feridos.

Com o auxilio de uma metralhadora que appareceu na rua D. Pedro V, os defensores da monarchia foram postos em debandada. Desceram a S. Roque e vingaram-se assaltando a redacção do *Mundo*, jornal alli installado, depois de terem morto, com uma bala, o guarda-portão do predio fronteiro, o qual foi removido para a morgue. Os estilhaços de uma granada, tambem, junto da Flôr de S. Roque, mataram instantaneamente um soldado, indo outra cair sobre o predio n.º 7 da rua dos Mouros, onde quebrou alguns vidros, ferindo um homem na cabeça.

Pelas 6 e meia, finalmente, chegon o momento decisivo, travando-se para os lados da Avenida um violento e nutrido tiroteio. A marinha havia desembarcado e uma força de marinheiros, com alguns populares armados, subia a rua do Ouro, arrastando peças de 15. Ante esses novos adversarios, que os collocavam entre dois fogos, rendiam-se pouco depois infantaria 5 e caçadores 5, que defendiam o Rocio e a Baixa.

Os revolucionarios, ao verem tal, suspendem o fogo e soltam clamorosos vivas á Republica, ao mesmo tempo que um official do quartel general atravessava a praça de D. Pedro, agitando uma bandeira branca a pedir armistício. Estava assegurada a victoria da Republica!

A VALENTE MARINHA

Os revolucionarios apoderam-se do cruzador "D. Carlos" e ficam senhores do rio

Tendo os marinheiros revolucionarios abandonado o seu quartel, para embarcarem no *S. Rafael* e no *Adamastor*, levando consigo muitos paizanos, soldados da guarda fiscal e da guarda municipal, vario pessoal dos electricos e outros individuos, o ultimo barco começou a manobrar para abordar o *D. Carlos* e aprisional-o.

Estavam a bordo 26 officiaes e 4 marinheiros, pertencendo ao numero d'aquelles o seu commandante Alvaro Ferreira. Alguns revolucionarios, tendo o *Adamastor* chegado perto do *D. Carlos*, desceram a um escaler e approaram ao navio, adeantando-se um marinheiro, que intimou o commandante a render-se.

A sua resposta foi um tiro que prostrou o marinheiro e o levou pela borda fóra, adeantando-se então um camarada do morto, que alvejou tambem o commandante com um tiro, ferindo-o mortalmente. Alvaro Ferreira caiu a bordo do *D. Carlos*, sendo soccorrido pelos camaradas, vindo depois para terra, já morto, n'um escaler e sendo o cadaver recolhido no Hotel Central.

A FUGA DA FAMILIA REAL

A CAMINHO DO EXILIO

No Paço das Necessidades o rei ouve as nutridas salvas de infantaria e o ribombo dos canhões, ao longe. Que é dos servidores? As paredes sussurram ainda o ecco das palavras lisongeiras dos cortezãos. Elle conhece-lhes as vozes. Volta-se. Julga vêl-os. Mas nada. Silencio nas vastas salas. Sabugosa, pallido, cofia o bigode grisalho, lembra-se, por certo, das paginas em que descreveu guerras portuguezas, tomadas de castellos, e nas chronicas, a fuga dos reis coroados, em perigo, enquanto os famelicos aulicos se escondem, ou apressam-se a adherir aos vencedores. E' a atracção do sol nascente! Fayal não sorri, feliz, impando de saude, moço, apezar dos cabellos brancos abundantes. A sua forte estructura impõe um pouco de confiança ao rei. Mas o pavor apossa-se, tyranno, do animo do Bragança. E' D. João VI que a anemia e mais um seculo de degenerescencia refi-

naram. Cae nas poltronas sem forças. Levanta-se, passeia, accentua no esgar o prognostico da face. Vae ao oratorio e resa, quasi a tocar com a fronte no chão.

A' tarde, o cruzader começa a lançar as granadas. O rei foge, mais livido, para a outra extremidade da palacio, para o *atelier* onde D. Carlos pintava e recebia as visitas patuscas. Quer partir. Quer a todo o transe, febril, tremendo, apezar das instrucções de Fayal. Para onde? Seja para onde fôr. O ruido da artilharia e as noticias que do commando geral lhe communicam imprimem á evolição da creatura infantil uma grande energia. Desaba uma das torres, ruidá pelas granadas. Ha um ruido formidável. O rei quer fugir a todo o transe. Telephonam para uma *garage*, pedindo um automovel. O automovel é retido no caminho. Augmenta a anciedade. O rei estende-se sobre o divan largo e fofo, a um canto do *atelier*. Sorri, n'uma parede, sobre a onda verde, o corpo nú de uma mulher de olhos verdes liquidos, obra de D. Carlos.

Telephonam novamente, pedindo o automovel. E' preciso fugir! Correm pela Tapada das Necessidades, saltam os muros, para o jardim Franzidi, recente aquisição de D. Manuel. O rei treme, quasi se lhe vergam as pernas. O rei pergunta pelos seus validos, pela côrte. Não ha ninguem! Sabugosa tem palavras de conforto. Fayal volta ao telephone. Waddigton espreita pela janella. E a cada ruido insolito, o rei estremece, soergue-se. Veem prendel-o, matal-o? E a scena tragica de 1 de fevereiro surge, n'um fundo de sangue, no cerebro allucinado.

— Emfim! annuncia Sabugosa.

Fazem-se os preparativos. N'um automovel do paço seguem alguns creados. No da *garage*, vae o rei, embrulhado n'uma manta, na caixa, escondido. Fayal toma o volante. Reunem-se em Loures, caminham juntos para Mafra, entram no Paço Real. O rei está mais calmo, alli. Faz prevenir da sua chegada a rainha, que em Cintra, anciosa, espera noticias da fuga. Quem sabe? Talvez appareçam ainda alguns defensores do throno? Vasconcellos Porto, com os seus sicarios, Jacintho Candido com os seus bispos, padres e fradalhões armados, padre Mattos respirando chispas, José Luciano salvador com artes varias telephoará conselhos, apoiado ás muletas.

E a côrte, a côrte? Ha de vir com as ligas monarchicas, distribuindo bentinhos ás burguezinhas snobs e ás fidalgas cretinas. O que fará a tropa, alli? Hostil? Fiel? E a irmandade do Santissimo Sacramento de que elle é irmão? A noite é de vigilia. O rei succumbiu. Não reage. Já não pensa. Sabugoza tem um olhar de profunda piedade na face triste e pállida. Fayal passeia, mordiscando o bigode.

Fayal admira-se do isolamento. Que é dos amigos, dos fradalhões recamados de veneras, das mãos sempre abertas a pedir?

Chega de Cascaes a noticia, que Jorge Sabugosa e Jorge Bleck levam, de que o principe real embarcára em Cascaes, no *Amelia*, por ordem do governo provisorio, para ir recebê-los á Ericeira. Acompanha o principe real o seu ajudante de campo. O conde da Ponte, que ficára em Cascaes, offerecera-se para ir no *yacht*, quasi sem tripulação. Então Soveral não manda a esquadra de Gibraltar? Contam a despedida commovente de D. Affonso, as lagrimas dos pescadores, as lagrimas do principe, com saudade da Patria. O rei não houve. Que farão os soldados, em baixo? pergunta. O medo tolhe-lhe os movimentos. Todos tem receio. Sim: o que fará a tropa?

— Desgraçado do que nasceu n'esta terra, suspira D. Manuel.

São as ultimas palavras que pronuncia em Portugal. Saem. O rei chora. O commandante da força tem ordem para protegê-lo. Respiram. Partem para a Ericeira. Ali, o povo proclama a Republica. Chegam as duas rainhas. A rainha D. Maria tem o aspecto indifferente de quem já nada espera da vida.

A rainha D. Amelia mostra, na face linda que a dôr espirituallisa, nos grandes olhos castanhos, tão doces, uma expressão calma. O momento é de commoção. As lagrimas borbulham nos olhos de todos. Despedem-se. O aperto de mão do rei é molle, apesar de demorado. Compram o unico alimento que é possivel encontrar na Ericeira — pães. O *yacht* está quasi sem mantimentos.

Não houvera em Cascaes a presença de espirito para fornecer-se. A rainha D. Amelia entrega duas cartas ao conde de S. Lourenço, para Cascaes.

Embarcam o rei, as rainhas, o conde de Sabugosa, marquez do Fayal, Antonio Waddington, Vellez Caldeira, D. Vasco Belmonte, as sr.^{as} marquezas de Unhão, condessa de Figueiró e D. Maria de Menezes.

O barco segue. O dia é de trovoadas. Imobilizam-se no ceu nuvens cinzentas. Os lenços acenam, mas os olhos estão marejados de lagrimas, não vêem.

O *Amelia* larga, pelo mar agitado, branco e ligeiro, até que se perde no horizonte... E' um throno que se afunda.

O rei, porém, dizia:

— Quero ir ao Porto. Hei de lá encontrar amigos e tropas fieis. O povo do Porto é devotado á monarchia. Estou certo de que poderei seguir de lá sobre Lisboa e bem acompanhado...

Mas as rainhas não lhe consentiram e resolveram dirigirem-se logo para Gibraltar. O rei accedeu. Mas d'ahi por diante, á esperanza que nunca deixara de lhe illuminar o rosto, succedeu-se um profundo abatimento.

O jantar decorreu no meio de maior tristeza. Poucas palavras se trocaram, e haviam de ser 10 horas quando se foram deitar.

E assim foi que se encontraram no outro dia, cedo bastante, junto á amurada, de onde, pouco depois, viram desenharem-se a costa hespanhola.

O dia de quinta-feira foi passado vagueando pela tolda e em consultas na casa de jantar.

A's 9 horas lançavam ferro e recebiam a visita das auctoridades do porto que lhes dispensaram um captivante acolhimento.



Na casa de **José Joaquim dos Santos de Lisboa**, na Rua do Bem-formoso, encontra-se uma colossal existencia de fogos de artificio, estallos chinezes, phosphoros de cores, Martinicas, pedras Detonantes, ba-lões e toda a qualidade de fogos nacionaes e estrangeiros, assim como Mascaras, bisnagas, surpresas para todos os gostos.

Confetti Serpentinas, mascararas para dominós, bebés, velhas e velhos cabelleiras e todos os mais artigos proprios para decoraçào e ornamentaço de finos gostos e tudo por preços baratissimos.

Envia-se catalogos a quem os requisitar.